

## **REFLEXÕES SOBRE HIPERTEXTO E AS CONDIÇÕES DE LEGIBILIDADE PRÓPRIAS AO MODO DIGITAL DE PRODUÇÃO DISCURSIVA**

*Tânia Aiub<sup>a</sup>*

### RESUMO

Como parte dos estudos produzidos pelo Núcleo de Estudos sobre Educação e Tecnologia (NEET), o presente trabalho propõe que o texto digital seja cotejado como uma materialidade eletrônico-discursiva. Da perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD), tomamos o Hipertexto como unidade de análise para estudarmos a constituição de sentidos e os processos de referência do texto digital.

PALAVRAS-CHAVE: Textualidade; Hipertexto; Análise de Discurso

Recebido em: 26 out. 2016

Aprovado em: 28 mar. 2017

### **Hipertexto: ausência de um projeto de dizer?**

**P**ara apresentar a noção de textualidade com que trabalhamos, começaremos parafraseando Roland Barthes (1970, p. 59) para quem *o texto não é coexistência de significados, mas passagem transversal*; sendo assim, o autor enfatiza que um texto não responde a uma interpretação, mas é uma explosão, uma disseminação. Com base nessa ideia, destacamos a proposta fundante desta reflexão: pensar na pluralidade dos significados que

---

<sup>a</sup> Doutora em Letras. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos sobre Educação e Tecnologia (NEET).

se constroem durante a leitura e, primordialmente, nas relações estabelecidas durante o processo interpretativo em um novo suporte de leitura e escritura: o hipertexto. O texto, assim concebido, não apresenta um centro, nem um começo ou um fim, ele é plural, sem um centro discursivo, sem margens, não é produzido por um único autor. Isso nos conduz a refletir, nas páginas que seguem, sobre a dinâmica existente entre as novas tecnologias e a sociedade contemporânea, procurando investigar as práticas de leitura e escritura que emergem com o surgimento dos textos em rede e estruturados pelo sistema de *linkagem*.

A abordagem mais simples do hipertexto o descreve, em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O que materializa uma rede de textos em hipertexto são os *hiperlinks* e sua função de elementos apontadores de caminhos para navegação na rede. Na perspectiva da conectividade, tudo pode entrar em relação com tudo. Isso implica o reconhecimento de uma transformação na relação do homem com as formas de comunicação. Não há linearidade, nem caminhos fixos a seguir, logo os sentidos passam da esfera do *fixo* para a do *fluxo* contínuo, ou seja, os sentidos podem ser muitos e estão sempre à deriva, em devir, conforme Lévy (2000). Nosso “fazer sentido”, neste paradigma, foi transformado, os conhecimentos tornam-se obsoletos cada vez mais rapidamente. O saber-estoque é substituído por um saber-fluxo em aceleração constante (p. 25).

A transição operada pelos meios eletrônicos encontra reflexões críticas que apontam para o lugar das técnicas na reconfiguração das relações entre os homens e os instrumentos por eles criados. Caracterizado por uma complexidade que transpõe os limites da tecnologia impressa, o texto eletrônico perturba noções tão fundamentais como linearidade, autoria e leitura, bem como implica abdicar do controle sobre o texto, aceitando a dispersão da noção de unidade centrada na materialidade linguística, para comportá-la como um efeito discursivo. A noção de efeito traduz teoricamente a problemática da existência de uma materialidade textual que, ao mesmo tempo em que existe na forma e no conteúdo, dissipa-se no momento mesmo do trajeto de leitura para reorganizar-se em novas sequências a partir dos gestos de leitura do sujeito leitor.

Efêmero em suas manifestações, desprovido de limites ou partes defi-

nidas, desenvolvido de forma multilinear, constituído pela ausência de um centro significativo, pela ausência de completude, o hipertexto traz para os estudos da linguagem um objeto complexo, o qual demanda reflexão sobre os parâmetros teóricos e metodológicos de entendimento do conceito de textualidade. Por essas características, duas considerações são inevitáveis quando se quer simplificar a concepção de que todo é um hipertexto: primeiro, deve-se ao hipertexto uma diferença substantiva em relação ao texto tradicional, ao passo que neste existe, pelo menos, conceitualmente, um projeto de dizer oriundo da pré-existência de um autor responsável pela materialização desse projeto. Naquele, a produção textual deriva de um processo de constituição de relações entre janelas de textos que, numa primeira abordagem, podemos afirmar que não são produtos de um plano de escrita.

Os hipertextos permitem, dessa forma, a problematização do pensamento logocêntrico ocidental e corroboram com as concepções de autores que usaram termos como “nexo”, “rede”, “trama”, “trajeto”, “conexão”, “interconexão”, apontando diretamente para um caráter particular desta proposta de arquitetura textual: sua essência ramificada e a desestruturação de um conceito nuclear de desenvolvimento textual. Diante disso, pensamos se devemos começar a trabalhar com a ausência de um projeto de dizer em hipertextos? Isso significa, em outras palavras, que os princípios da autoria, da centralidade numa única proposta temática cedem lugar a uma textualidade aberta e mais colaborativa? Ainda, as condições e legibilidade transitam para conceitos mais amplos sobre a estrutura textual e sobre a função do sujeito leitor?

Destacamos a importância do pensamento não linear, a negação das margens como cerceadoras dos movimentos do sujeito que já eram vislumbradas fora da emergência de uma tecnologia informática. Temos em Barthes (1970<sup>2</sup>, *S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*) as noções de texto estelar, lexias, nexos; em Foucault (1969<sup>3</sup>, *Arqueologia do Saber*), a concepção de texto em termos de rede, pautando seu projeto de análise arqueológica do conhecimento no ideal de dispersividade, salien-

---

<sup>2</sup> Referimo-nos à edição do texto original, no entanto, usamos como referência a edição brasileira publicada pela Editora Nova Fronteira em 1992.

<sup>3</sup> Referimo-nos à edição do texto original, no entanto, usamos como referência a 7ª edição brasileira publicada pela editora Forense Universitária em 2004.

tando a fragilidade das noções de margem, linearidade e hierarquização de informações; citamos ainda Derrida (1971, *A escritura e a Diferença*) que reclamou a existência de uma nova forma de escritura que escape às limitações da linearidade. Note-se, para tanto, que o desafio da linearidade é efeito das restrições que um sistema logocêntrico de produção de conhecimento produziu. Isso comprova que a hipertextualidade provocou uma crítica aos clássicos movimentos coercitivos do sujeito e de seu fazer sentido.

Barthes descreve, dessa forma, um ideal de textualidade semelhante ao hipertexto como as teorias contemporâneas têm tratado. Em suas palavras:

[...] neste texto ideal, há uma abundância de redes que atuam entre si, sem que nenhuma possa impor-se às demais. Trata-se de uma galáxia de significantes e não de uma estrutura de significados, não tem princípio, mas diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal. Os códigos que mobiliza se estendem, são indeterminados. Os sistemas de significados podem impor-se a este texto absolutamente plural. (1992, p. 15)

Todas essas características amplificam o essencial da estrutura hipertextual e materializam uma característica cara aos estudos da linguagem em relação à análise dos textos impressos: a multiplicidade de percursos de leitura. A estrutura *hiper faz* com que esse potencial de leitura, através de diferentes percursos a serem feitos livremente pelo leitor, constitua-se na possibilidade de o leitor ser, a um só tempo, autor de outro texto. Cria-se com o hipertexto uma rede textual de referências cruzadas disponíveis em tempo real. O hipertexto deve possibilitar a construção do texto de cada nó, bem como a interligação desses nós através dos *hiperlinks*, os quais funcionam como elos entre os textos disponíveis na rede e cuja organização fica a cargo do próprio leitor. Esse fato permite pensar o texto eletrônico segundo várias imagens que, metaforicamente, descrevem seus processos de organização: centrífugo ao invés de centrípeto, multimodal ao invés de logocêntrico, descontínuo ao invés de linear. Trata-se de uma textualidade aberta, inibidora do conceito de texto nuclear e centrado, enquadrado por margens. Podemos afirmar que a *linkagem*,

por suas particularidades, traz um novo modo de enunciação que é pautado no processamento da navegação em suportes digitais, já que implica a ação do sujeito leitor na escritura.

Embora o alcance dessa nova maneira de produção textual ainda não tenha sido amplamente avaliado, os estudos sobre o hipertexto têm se movido em direção ao estabelecimento de pontos em comum com as teorias do texto clássicas. Nesta convergência, encontramos definições e análises do texto eletrônico que partem do lugar de correntes teóricas que classicamente estudam e definem o que seja o texto e seu reverso negado, o chamado “não texto”, uma estrutura não coesa, não coerente, não legível, portanto, passível de inconsistências da ordem do “sem sentido”. Tal dicotomia entre o texto e o “não texto” pauta os estudos do texto e de suas características basilares. Entre tais trabalhos, alguns têm direcionado sua atenção para o chamado hipertexto, com autores que têm dispensado atenção ao tratamento dessa nova organização textual com sua estrutura *linkada*, portanto, muito próxima ao *status* da incoerência e da falta de coesão. Importa ressaltar que os estudos do texto presenciam essa emergência do texto *hiper* como um novo “*gênero textual*”, o estudam da perspectiva dos processos de leitura e escritura em ambiente digital pela reflexão do sistema de *linkagem* e da interação, característica essencial dos hipertextos.

Por tudo isso, permitimo-nos enunciar que esse texto acontece onde cessa a linearidade, onde cessa toda concepção uniformizante e uníssona de sentido. Estamos, então, diante de um processamento textual que excede os parâmetros constituídos pela ciência da linguagem, o que conduz à emergência de olhares mais específicos para este novo objeto que fragiliza a noção de estrutura hierarquizada para colocar-se como lugar de multiplicidade, constituindo-se por ser uma estrutura *poli*-hierarquizada, que se assenta na base do cruzamento de sentidos: a inovação trazida pelo texto eletrônico está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção, estando a não linearidade prevista na concepção base desse texto.

A presença de múltiplos trajetos de leitura perturba o equilíbrio entre leitor e escritor. Além disso, a separação hierárquica entre texto principal e as anotações, que passam a ser textos independentes, ligados apenas pelos *links*, elide as fronteiras entre textos individuais. Segundo Landow (1995, p. 63):

[...] já que sistemas hipertextuais permitem ao leitor anotar um texto individual e linkar para outros, até textos contraditórios, isso destrói uma das mais importantes características do texto impresso – sua separação e univocalidade. Sempre que colocamos um texto numa rede de outros textos reforçamos a sua existência como parte de um diálogo complexo .

Os nexos do hipertexto, o controle por parte do leitor e a variabilidade não só se afastam dos modos de escritura tradicional, bem como têm outros efeitos mais gerais como a alusão à aleatoriedade do texto do leitor. O escritor, nesses termos, perde o controle sobre seu texto e, mais especificamente, sobre os extremos e os limites que antes eram básicos para a definição de texto. Este parece fragmentar seus componentes. O que antes eram segmentos, agora temos como recortes<sup>4</sup> que assumem uma vida própria e que dependem menos do que precede ou segue, em sucessão linear, e mais de uma relação com o exterior.

Configura-se, ainda, na digitalização, a perda da inalterabilidade do texto, característica própria da cultura impressa. O texto eletrônico, por sua vez, sempre é variável, nenhuma versão, nenhum estado é definitivo. Efetivamente dinâmico, o texto digital é atualizável, reconfigurável, disperso. E é nessa característica da dispersão que encontramos o cerne da transição do texto impresso para a digitalização: abandonada a inalterabilidade, perde-se a noção de texto unitário, sectário e autônomo. Há, dessa vez, uma variação, uma dispersão fundamental que fazem com que toda a herança de atomização dos sentidos, passe a ser vista em sua ineficácia.

Esta nova forma de textualidade deve nos levar a estender a noção dominante de texto, para que o conteúdo deixe de estar encerrado em um livro e suas margens, mas que esteja envolvido numa rede, num tecido de referências distintas, exteriores. O hipertexto sugere, para tanto, integração em lugar da autossuficiência, desconstruindo o isolamento físico do texto, pois “Não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e se desdobrar diferentemente diante de cada leitor” (LÉVY, 2000, p. 14).

---

<sup>4</sup> Segundo a Análise de Discurso de linha francesa, o conceito de recorte ilustra a relação entre uma sequência discursiva e uma situação. Elucidaremos melhor esta noção adiante.

Pressupõe-se uma ubiquidade no texto digital, dado o fato inegável de que estruturas hipertextuais são passíveis de múltiplas e infinitas atualizações em tempo real, em lugares diversos. Não que o texto em suporte impresso não seja passível de associações diversas. Obviamente é, já que a escrita possibilitou a separação temporal e espacial entre o autor e seu texto, proporcionando a ubiquidade da informação, no entanto, a leitura fora de contexto e presa à busca do sentido único implicou um refinamento das práticas interpretativas, edificando os enunciados autossuficientes, independentes de contextualização, que favoreceram as mensagens universais e cristalizadas por uma técnica de aprisionamento da palavra. O que acentuamos é a ideia de que as mídias digitais criaram formas discursivas que reinterpretam formas culturais historicamente solidificadas como a oralidade e a escritura, para problematizar a questão da relação entre as técnicas de informação e o homem.

Neste ponto nodal nos detemos para afirmar que o real do hipertexto é o virtual. Isso pressupõe que coloquemos em dúvida a própria noção de representação, já que o texto que temos materializado a nosso alcance somente existe no momento de sua digitalização, no momento de sua atualização e, certamente, deixará de existir, quando retornarmos a um *link* que nos conduzirá a uma reconfiguração do texto e, em última instância, quando desligamos o computador. Ao passo que temos, no texto impresso, uma materialização visível, delimitável, a materialidade dos blocos que formam um hipertexto é fugaz

Se definirmos o hipertexto como um espaço de percurso para leituras possíveis, um texto aparece como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa, portanto, da ‘redação’ do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse ‘uma matriz de textos potenciais’, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocando em jogo, cada qual à sua maneira, a combinatoria entre os nós. O hipertexto opera a virtualização do texto (LÉVY, 1999, p. 57).

Pierre Lévy coloca a questão da leitura como a força motriz que faz com que hipertextos não se configurem somente como materialidades digitais, como produtos da informatização. A digitalização e o programa de leitura que encerra predeterminam um conjunto de possíveis que, mesmo imenso, é, sobretudo, numericamente finito e logicamente fechado. É a leitura que realiza o texto. A essência da hipertextualidade está, para tanto, além do suporte mecânico (*hardware* e *software*), pois a informática por si oferece combinatórias que não problematizam em nada a questão do sentido. Isso é potencial, o(s) texto(s) existe(m) aí em potência. Não são as inúmeras possibilidades de associações que dão essência ao modo virtual de fazer sentido. A virtualização extrapola os limites binários quando é trabalhada pelo sujeito. Para o autor, portanto,

Um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sob o efeito da interação com um usuário. Nenhuma diferença se introduz entre um texto possível da combinatória e um texto real que está na tela. A maior parte dos programas são máquinas de exibir (realizar) mensagens (textos, imagens etc.) a partir de um dispositivo computacional que determina um universo de possíveis. Esse universo pode ser imenso, ou fazer intervir procedimentos aleatórios, mas ainda assim é inteiramente pré-contido, calculável (LÉVY, 1996, p. 40).

O que está em ‘tela’, nesses termos, é o fato incontestado de que “o virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito” (LÉVY, 1996, p. 40), pois a propensão do texto a significar envolve uma tensão entre o que está fisicamente disponível e os sentidos que potencialmente podem fazer-se nessa superfície. A estrutura binária em nada importa senão pelas novas formas de ler e compreender, pelas novas relações que engendra com o homem. Este não cria técnicas fora de uma relação cultural, de uma necessidade de transformação. Entre o surgimento de técnicas e as novas relações que elas forjam para os homens há uma dialética, há um movimento recursivo que parte do homem, mas que a ele retorna como efeito. “A exterioridade técnica só ganha eficácia se for internalizada de novo”, diz Lévy (1996, p. 74), pois a necessidade de aprender gestos, adquirir reflexos, recompor identidades, redi-



recionar o olhar é urgente. Nesse sentido, a tela informática, para Lévy, é uma nova máquina de ler que potencializa uma reserva de informação possível. No entanto, as informações possibilitadas entram em relação direta com as necessidades particulares de um leitor que produz uma atualização das significações do texto. Interpretar comporta uma intangibilidade não passível de cálculo.

Confiamos às vezes alguns fragmentos do texto aos povos de signos que nomadizam dentro de nós. Essas insígnias, essas relíquias, esses fetiches ou esses oráculos nada têm a ver com as intenções do autor nem com a unidade semântica viva do texto, mas contribuem para criar, recriar e reatualizar o mundo de significações que somos (LÉVY, 1996, p. 37).

O texto que se pretendia contemplativo, imutável, hoje se mostra como figura móvel, transformado em fluxo, sendo ele próprio uma operação, pois “Longe de aniquilar o texto, a virtualização parece fazê-lo coincidir com sua essência subitamente desvelada. Como se a virtualização contemporânea realizasse o devir do texto. Enfim, como se sássemos de uma certa pré-história e a aventura do texto começasse realmente” (LÉVY, 1996, p. 50).

O espaço do sentido não preexiste à leitura. Isso é fato incontestado para qualquer texto, em qualquer suporte, pois o leitor tem diante de si o que Lévy configura por “uma paisagem semântica móvel e acidentada em que o texto é esburacado, riscado, semeado de brancos” (1996, p. 35). Para o autor, ainda, enquanto leitores, “podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas” (1996, p. 35). E, fundamentalmente, essa atualização, essa viagem por percursos semânticos únicos não se realiza para retornar ao pensamento de um autor, mas para fazer do texto atual parte de um campo textual maior, móvel, reconfigurável.

### **A relação entre a *linkagem* entre as janelas do hipertexto e um processo de coesão e referencia textual**

Atribui-se aos *hiperlinks* o potencial de principal inovação do texto eletrônico, dado o fato de que tais dispositivos técnico-informáticos têm função de realizar remissões, acessos a outros hipertextos, formando uma grande rede multilinear, sendo eles a via de acesso para o entendimento da natureza do

texto eletrônico. A não linearidade, entretanto, não chega por si só a constituir uma revolução radical, já que o suporte impresso possibilita certo grau de multisssemiose (notas, referências, índices, gráficos, etc.). Por isso, a função dos *hyperlinks* no processamento da leitura e da construção do itinerário de leitura significa a materialização do que os linguistas de texto, os estudiosos da literatura denominaram *paratextos*, ou seja, todo aparato externo que, de modo relacional, estabelece vínculos do texto origem com outras textualidades que lhe dão suporte informativo como gráficos, rodapés, notas do autor, imagens.

Os *hyperlinks* são vínculos eletrônicos que permitem a amarração entre vários textos, possibilitando uma rede de sentidos contínuos, sendo a materialidade hipertextual uma deriva constante, em que os sentidos estão sempre em curso. Este é o ponto fundamental de sustentação desse ideal de textualidade. Por isso, a ausência de centro, o efeito de incompletude e o não fechamento são inerentes ao hipertexto, tendo em vista seu caráter multidimensional, multidirecional e eminentemente interpretativo enquanto espaço simbólico. O hipertexto é constituído, portanto, de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, ‘botões’ que efetuam a passagem de um nó a outro).

Esses nexos eletrônicos permitem aos usuários recorrer distintos trajetos de leitura em um conjunto dado de lexias, possibilitando a composição de um texto como um campo disperso de variantes e não como uma estrutura falsamente unitária. Nesse percurso, traçado pelo autor, importa ressaltar a ênfase em um esquema comunicacional em que A não transmite algo a B<sup>5</sup>, mas A modifica uma configuração que é comum a A, B, C, D, havendo igualmente possibilidade de esses e outros atores, na navegação hipertextual, produzirem um novo texto a partir do caminho inicial “A”

Para tanto, é a ideia de links que dá visibilidade ao texto eletrônico como sendo um ideal de interconexão e de multirramificação. Este dispositivo digital vincula infinitamente os textos numa teia virtual de acesso ilimitado, o que o caracteriza como um *texto-processo*, ou seja, um texto que está sempre em constante (re)construção. Esses nexos simplesmente aceleram o processo

---

<sup>5</sup> Em referência ao esquema elementar de comunicação de Jakobson (1974).

de estabelecimento de relações entre o externo e o interno do texto. Com os nexos, as fronteiras entre o dentro e o fora do texto se disseminam. Produz-se um texto sempre aberto e radicalmente transformador, visto que há, no início do acesso, uma visão geral dos nexos relacionados ao assunto em pesquisa que pode ser um autor, um momento histórico, uma teoria, um movimento. Esta visão geral implica que qualquer ideia que o leitor escolha como centro (virtual) de sua investigação existe em relação a outros nexos. Ao ativar um nexo particular, outras possibilidades são refratadas.

Essa mudança se reveste de significativa importância para os estudos do texto e do discurso, dado que, por um lado, muda nossa concepção de texto, por outro, essa nova textualidade permite ao leitor direcionar-se por muitos caminhos distintos. Isso muda significativamente também a noção de estrutura textual, antes tida como centrada e nuclear com início e final delimitados. Os leitores não só podem escolher vários pontos onde terminar, como também podem seguir ampliando o texto, estendê-lo. Ted Nelson (1965), um dos iniciadores do hipertexto constatou isso, dizendo que não há última palavra. Não pode haver uma última versão, um último pensamento. Sempre há uma nova visão, uma nova ideia, uma nova interpretação.

Segundo os parâmetros de textualidade da lingüística de texto, existem princípios de boa formação textual, concentrados nos conceitos da coesão e coerência e amparados na ideia fixa de texto versionado no qual há uma versão original, orientadora da proposta de autoria (projeto de dizer) expressa simbolicamente na figura no autor. A coerência, cujo *status* é semântico e pragmático, está separada da coesão por estabelecer, na interação e na interlocução, numa dada situação comunicativa, sentido ao texto potencializando sua interpretabilidade e sua legibilidade. Sobretudo, a coerência textual está especificamente atrelada às marcas especificamente linguísticas. A coesão é um conceito sintático-semântico que se refere às relações de significação que existem dentro de um texto e que o definem como tal, sendo um processo que assegura (ou torna recuperável e possível) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual e que opera de acordo com categorias intratextuais como referênciação, sequencialização<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Apontamos as metra-regras de Charolles (1978).

Nessa perspectiva, esses elementos de referência e sequencialização (elementos anafóricos) mobilizam um dito presente na superfície textual a fim de organizar o texto, exercendo um efeito de estabilização e planificação do discurso. Tece-se uma rede, um itinerário interpretativo que possibilita ao leitor um caminho seguro e tranquilo no tocante à produção de sentidos, que, nesse caso, não é exatamente produção, mas detecção. Do ponto de vista crítico de Mondada e Dubois “a anáfora tem sido vista como um modo de estabilizar ou de focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades, mesmo se elas estiverem potencialmente disponíveis no texto” (2003, p. 43)[grifo nosso].

Em nosso caso, nos movem os seguintes questionamentos:

- i- podem os *links* ter função coesiva segundo os parâmetros propostos pela linguística do texto?
- ii- Pode-se presumir, neste caso, uma pré-determinação dos *links* na sequencialização textual?

Ao considerar os *hiperlinks* como elementos referenciais e sequenciais planificam-se texto impresso e texto digital, sem levar em conta, as profundas modificações que a digitalização e a virtualização do texto trazem para a relação com o leitor. O alinhamento de dois objetos de análise por um mesmo olhar teórico e metodológico, traduz, efetivamente, uma consequente planificação do sujeito que mobiliza a materialidade da língua, refratando o potencial discursivo e semântico que uma textualidade ramificada oferta. Ademais, alinhada com a ideia de *links* como elementos coesivos, de ligação interna dos textos em rede, está sua classificação como dispositivos dêitico-vetoriais. Essa concepção coloca dos *hiperlinks* num espaço tenso entre a interioridade dos textos interconectados e a exterioridade dos caminhos que podem se abrir. Todavia, a Linguística Textual (LT) empreende a ideia de dêixis ainda presa a um sistema de ostensão interna, cuja função essencial reside em orientação interpretativa. Essa orientação está ligada à noção de intencionalidade do produtor do texto

Para tanto, para serem compreendidos em sua complexidade este texto e seus mecanismos de interconexão foram estudados sob a ordem do discurso,

tendo em conta, que, quanto à produção de sentidos, o olhar da LT tornou-se muito reducionista. Os sentidos engendrados por um texto ou, em nosso caso, por uma rede de textos interconectados, somente se efetivam se o *hiperlink* tiver a seu favor outra rede, a discursiva (memória, interdiscurso), a qual possibilitará uma ligação semântica entre as várias janelas de textos embutidos.

O papel do interdiscurso, na atualização da rede textual, promove a organicidade do hipertexto, já que o ato de clicar, de ‘zapear’, de desconsiderar um *hiperlink* em favor de outro mais interessante à complementação da pesquisa em curso atestam a virtualização do texto no momento em que entra em tela a subjetividade. Os *hiperlinks*, sob essa ótica, têm papel centrífugo e caleidoscópico, tendo sentidos oriundos de combinações múltiplas. Essas combinações partem sempre da interligação, no momento da leitura,

Partimos do fato de que os hiperlinks, por serem vínculos entre blocos de textos, têm funcionamento diferente do funcionamento dos elementos de referência da linguística textual. Essa diferenciação é visível quando observamos uma tela da rede WWW, que nos mostra os *links* como dispositivos que:

- i- não constituem fenômenos de dependência interpretativa.
- ii- cumprem uma certa função coesiva, sem, contudo, se referirem a elementos delimitados intratextualmente;
- iii- constituem fenômenos de abertura, tendo em vista que remetem a um conjunto de informações extratextuais contidas em janelas a serem abertas e a discursos anteriores, tornando o texto um documento aberto.
- iv- sua natureza não é substitutiva; não é meramente projetiva; e não é de retomada;
- v- as práticas de leitura mobilizam relações interdiscursivas intensas em virtude da necessidade de associação no processo de *linkagem*;

Cada *link* acessado ou descartado, no processo de navegação, possui uma unicidade semântica que solicita do leitor a ativação de inferências intra e extratextuais. Neste ponto é que reside a maximização do conceito de *hiperlinks* de meros elementos de ligação entre blocos de textos para elementos de referência discursiva. Isso permite ao leitor construir um objeto discursivo que nunca é dado a priori. O leitor assume um papel de itinerante, navegador

em busca de caminhos a seguir. Este leitor-navegador, em outro trabalho, foi denominado de *flâneur*, à luz da escrita de Walter Benjamin (1989). Há, nesse sentido, um processo discursivo que interfere na formação do hipertexto.

Por outro ponto de vista, no entanto, buscamos, na análise de discurso francesa, entender os processos de leitura e produção de sentidos como relações estabelecidas entre o texto e o que está fora dele. Vemos em Indursky uma reivindicação pelo tratamento exofórico do elemento anafórico, dado que, em AD, “A passagem da frase e do texto para o discurso inaugura não só um novo objeto, mas instaura uma nova ordem a partir da qual é preciso contemplar de modo indissolúvel as relações internas e externas” (1997, p. 718).

Com a mobilização do conceito de *anáfora discursiva*, buscamos mostrar que o funcionamento linguístico dos elementos de referência hipertextual coincide com seu funcionamento discursivo. O conceito de anáfora, contrariamente ao nível puramente sintático com que anáforas são pensadas nas linguísticas de texto, do ponto de vista da Análise de Discurso, possibilita que os elementos de referência sejam pensados como efeitos de um processo discursivo de construção. A anáfora discursiva é, diferentemente da anáfora textual, uma exterioridade social e histórica. Logo, as remissões e projeções realizadas por este elemento tido como sendo de “coesão” ejetarão o leitor sempre para o interdiscurso, dado o atravessamento de elementos pré-construídos que configuram o elemento anafórico. Indursky elucida esta questão:

Enquanto que no processo anafórico frasal e textual são estabelecidas relações internas, no processo anafórico discursivo não se limitam as relações à interioridade do recorte do discurso, tendo em vista a própria noção de recorte. (1997, p. 718)

O que se entende por anáfora discursiva é, portanto, para a autora “um processo num espaço teórico-analítico privilegiado para refletir sobre as relações que a forma material do discurso estabelece com a exterioridade” (1997, p. 719), tratando-se de um domínio sobre o qual se estabelecem relações intradiscursivas em constante conexão com o interdiscurso, ultrapassando claramente o limite do texto. Ainda, segundo a autora, *Pensar o processo anafórico na ordem do discurso implica, pois, a interpretação e a produção de*

*efeitos de sentido insuspeitáveis na ordem do texto.* (1997, p. 720). É, portanto, o processo de exoforização que caracteriza o funcionamento da anáfora discursiva. Mas não simplesmente como uma *déixis*, à semelhança do que pratica a Linguística do Texto, já que a correferencialidade entre uma classe pronominal, interna ao texto e seu referente, não pode ser estabelecida com base em um contexto imediato, simultâneo às condições de produção de um texto. Ao contrário, sob a perspectiva da AD, esse exterior é também anterior, porquanto é histórico.

Assim, contrariamente ao estático, ao já constituído, o texto é um complexo problemático, um nó de possíveis configurações, reconfigurações semânticas, um nó de forças que necessita de um processo de resolução: uma atualização. Dado isso, atentamos para que a realidade dos sentidos jamais é matéria pura, pelo contrário, é sempre virtual, atualizável através de uma relação tensa entre o texto e o sujeito que o coloca em atividade. Os sentidos existem potencialmente nas possibilidades de conexão entre textos da rede hipertextual, mas são atualizados com o clicar do sujeito que, ao invés de efetivar uma ação mecânica, como pressupõem os mais céticos, produz uma atualização do link através da imensa rede de memória que acompanha a leitura. Segundo Lévy, “A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial” (1996, p. 39).

Em vista disso, a relação da categoria de anáforas discursivas com a *linkagem* hipertextual é concernente em função da exterioridade e da não dependência interpretativa em relação a um elemento referido. Temos que ter em vista que o que é habitualmente considerado como ponto estável de referência, no âmbito do hipertexto, é instável, lábil, já que as referências não são nem evidentes, nem dadas, mas são resultados de processos interdiscursivos que interferem nas relações, nas escolhas de *links*.

No entanto, quando se afirma que a anáfora discursiva constrói-se sobre um dito retomado na superfície do texto, pressupondo um referente explícito, em se tratando da estrutura hipertextual, esta ideia não procede, tendo em vista que uma das características básicas do *hiperlinks* é sua não ligação a um referente explícito. Reiterando o que fora exposto, os *hiperlinks* não assumem as mesmas formas dos referentes tradicionais, pois a relevância do hipertexto não está na progressão referencial propriamente dita, mas na progressão tópica

e temática, a qual produz uma continuidade, devendo haver entre os blocos de textos que compõem o hipertexto uma integração conceitual e temática que dê suporte à interpretação do leitor. Assim, o que se procura determinar aqui é uma concepção processual de construção do sentido e de texto vetorizado, metamórfico. Notamos essa característica nos processos de navegação quando os leitores ativam o actema de volta, de retorno a um menu principal para escolha de novos *links*. O processo de retorno faz com que atentemos para o fato de que a profusão de *links* e a carga de informações que com eles se coloca à disposição do leitor, orientam este para uma atitude mais responsável frente ao processo de leitura. O retorno nos mostra que um percurso está se formando e que as escolhas do leitor não permitem a entrada em qualquer janela disponível.

Assim, diferentemente dos elementos de referência tradicionais e dos dêiticos, os *links* não marcam posições, não suturam informações, abrem possibilidades significantes, abrem possibilidades de encadeamento e, além disso, atestam o processo de construção textual como eminentemente ligado à prática do sujeito sobre a superfície linguística. Isso nos coloca diante da possibilidade de pensar nesses dispositivos como anafóricos discursivos. Contudo, o próprio conceito de anáfora discursiva, mesmo sendo o que melhor representa o processo de *linkagem*, precisa ser expandido, pois, na concepção aqui adotada para os *links*, a anáfora discursiva se caracteriza por três aspectos, dos quais apenas o primeiro se mantém da conceitualização original:

- a) Constrói-se sobre um já dito retomado na exterioridade do texto, no interdiscurso. Projeção à exterioridade;
- b) Constrói-se por associação semântica de textos, realizada pelo leitor, nunca explícita na superfície textual. A ligação ocorre na atualização;
- c) O processo de sequencialização e de unidade textual é sempre virtual e passível de reformulação;

Os *links* assumem duplo papel: de estabilização no plano da forma e de desestabilização no plano do conteúdo significativo, marcando espaços de interdiscursividade. No entanto, essas marcas não são diretas nem tão límpidas, pois indireta é a relação do sentido com a materialidade linguística que lhe dá



suporte. A função do *hyperlinks* deve ser vista em seu funcionamento como janela que abre possibilidades de encadeamento. Não há *links* dispostos em um hipertexto que se façam autoevidentes, esses *links* trazem em si a possibilidade de formação de textos outros sobre um texto disposto na tela do computador. O funcionamento dos *links*, seu acesso e as informações que abrem para o leitor, estão ligados às condições de produção da leitura enquanto processo significativo, dado que ler é atualizar singularmente.

Em vista do que compreendemos por processo de construção discursiva, acentuamos que definir o hipertexto como uma nova unidade de análise, principalmente em AD, nos faz pensar na circulação de informações que a internet possibilita e nas práticas de leitura engendradas pela materialidade eletrônica. Ademais, apontamos para o fato de que não estamos diante de uma materialidade puramente eletrônica, mas eletrônica e discursiva, em que novos processos de leitura se estabelecem fazendo emergir deslocamentos teóricos e conceituais no âmbito dos estudos do texto. Para tanto, justificamos o uso do termo 'anáforas' para o estudo aqui proposto, dados os limites que a categoria de anáforas discursivas encontra. Assim, o diálogo constante com a semiótica nos permitiu abordar o elemento anafórico em seu limite com os processos discursivos de constituição de sentidos, a fim de ultrapassar o que impunha a esse elemento um papel de cerceamento interpretativo. Mais do que anáforas discursivas e mais do que meramente anáforas, o que propomos para análise dos *hyperlinks* é uma análise que congregue valor discursivo, semiótico e linguístico a esses elementos.

Eis o horizonte deste artigo, apontar para a complexidade que o tratamento textual enfrenta diante da profusão da digitalização, dos suportes textuais em rede. Impossível pensar essas novas materialidades textuais do ponto de vista teórico e metodológico puramente linguístico; em mesmo grau inconcebível deixar de atentar para as inúmeras possibilidades de tratamento da língua a partir da deflagração das redes virtuais de acesso. Portanto, pressupostos como gesto de leitura, escrita itinerante e colaborativa colocam em tela um conceito de textualidade aberta e flexível. Isso nos permite, da ótica da análise de discurso, entender que é na qualidade de espaço de relações em rede (falamos de relações sociais e históricas, que se materializam enquanto memória) que a prática de leitura potencializa diferentes itinerários, diferentes

configurações para o espaço significante do texto. É nesse contexto relacional que os *links* aparecem como elementos fluidos, ressignificados incessantemente, discursivamente. Isso se dá pela ação movente de um anterior que interfere na ligação dos textos e em sua escolha.

## Referências

- BARTHES, Roland. *S/Z*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. 255 p.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- FOUCAULT, Michel *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. RJ: Forense Universitária, 2004.
- INDURSKY, Freda. Da anáfora textual à anáfora discursiva. In: 1º Encontro do CelSul, 1997, Florianópolis: **Anais**. V2, p. 15-29.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. *Gragoatá*, nº.5: p.111-120, 2º sem. Niterói, 1998.
- \_\_\_\_\_. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy & FUNCK, Susana Bornéo. (Org.). *A escrita e a leitura como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001, p. 39-62.
- LANDOW, George P. *Hipertexto : la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Barcelona: Paidós, 1995. 284 p.
- LANDOW, George P. *Teoría del hipertexto*. Barcelona: Paidós, 1997. 424 p.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 212 p.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996. 157 p.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993-2001. 203 p.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de Discurso e Categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVALCANTE, M; RODRIGUES, B; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. SP: Contexto, 2003, p. 17-52.

## **REFLECTIONS ON HYPERTEXT AND CONDITIONS OF ELIGIBILITY TO OWN WAY DIGITAL PRODUCTION DISCURSIVE**

### **ABSTRACT**

As part of the studies produced by the Study Group on Education and Technology (NEET), this paper proposes that the digital text to be collated as an e-discursive materiality. From the theoretical perspective of discourse analysis (AD), we take the Hypertext as a unit of analysis to study the constitution of meanings and the referral process digital text.

**KEYWORDS:** Textuality; hypertext; Discourse Analysis